

I. P. H. A. N.  
E. SANTO



AJ 44.405

# O capixaba em busca da memória



dade industrial, Vitória assistiu à destruição de sua memória. E foi a partir daí que a aluna de arquitetura, Luciane Musso Maia elaborou um estudo e projeto com o objetivo de preservar no antigo Convento São Francisco de Vitória. O trabalho faz parte das exigências curriculares do curso de Arquitetura da Ufes.

Luciane fez várias viagens ao Rio de Janeiro para levantar documentos e, depois de quase um ano de estudos, apresenta seu trabalho "Preservação do Convento São Francisco", na próxima terça-feira, dia 14, às oito da noite, na sala Centro de Artes, no campus de Goiabeiras.

Na sociedade industrial todo sentimento de continuidade é destruído. O pai sabe que o filho não continuará sua obra e que o neto nem mesmo dela terá conhecimento. Destruirão amanhã o que construímos ontem. Nesta nova ordem os cidadãos não mais se reconhecem, perdem a crônica de sua história, as lembranças de sua vida anterior.

O trabalho de Luciane considera a influência da sociedade industrial e faz um levantamento histórico, desde a intenção da constru-

ção do convento — anterior a 1591, data do início das obras pelos padres franciscanos — até a proposta final, em que sugere uma tentativa de reorganização das funções da vida, da dinâmica da Igreja no novo espaço preservado, e, a nível formal, a volta do acesso, a seu estilo original — em escadaria, resgatando a imponência do edifício.

A construção do Convento de São Francisco está ligada ao desenvolvimento da capitania do Espírito Santo, na época do donatário Vasco Coutinho. Foi o primeiro de toda a região Sul, e se baseou na importância que tais construções religiosas tinham na vida comunitária da época e, principalmente, nas atividades desenvolvidas pelos conventos existentes no Nordeste do País. Como inovação, o Convento de São Francisco foi a primeira construção em Vitória a ter abastecimento d'água, característica constatada no Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, pela estudante Luciane Maia.

O que restou do antigo convento, em seu conjunto original, é o frontispício, a capela de Nossa Senhora das Neves e a capela da Or-

dem Terceira, que foi totalmente alterada. Ao longo do tempo o convento serviu de abrigo para emigrantes cearenses enfermaria para os portadores de varíola da epidemia de 1874 em 1895 para as vítimas da epidemia de febre amarela abrigo de famílias javeledas, até chegar em 1912, quando altera-se a ladeira de acesso ao convento com o alargamento da rua Coronel Monjardim. Em 1926 acaba o Convento de São Francisco, com a construção do orfanato Cristo Rei, construído sobre o que restava, alterando completamente o conjunto.

Para Luciane Musso, o Convento de São Francisco é peça importante na compreensão histórica do processo de ocupação de Vitória, apesar de ter sido vítima de numerosas intervenções e demolições que o descaracterizaram totalmente. "Ao se propor a preservação do Convento São Francisco não se propõe, evidentemente, nenhuma inovação no conceito preservacionista, mas não se pode negar a importância de tais monumentos como elementos que, ao seu tempo, desempenharam papel de catalizadores do desenvolvimento cultural nas regiões em que foram instalados".

Segundo Luciane o convento, não foi tombado pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — SPHAN — porque está totalmente descaracterizado. O tombamento só foi feito pelo Conselho Estadual de Cultura, que praticamente nada fez para a preservação da obra.

Para complicar a situação em 1960 o bispado transfere o orfanato Cristo Rei, instalando ali a residência episcopal que lá permanece até 1985, quando passa a funcionar a Cúria Metropolitana. Em 1963 é instalada a Rádio Capixaba, lá permanecendo por 10 anos. De 70 a 76 é instalado o Colégio Agostiniano, e em 81, as carmelitas, vindas do Rio de Janeiro, ocupam o segundo pavimento da residência episcopal, reformando a capela do orfanato.

Com todas as interferências, inclusive a do arquiteto André Carloni, o estudo de Luciane propõe uma limpeza arquitetônica, demolindo o prédio onde funcionou a Rádio Capixaba, a restauração do frontispício, da capela da Ordem Terceira, que podem voltar a sua volumetria original. Quanto aos arcos da igreja inacabada, do orfa-

nato, também seriam demolidos e, no local, Luciane sugere que fosse construído um de estrutura moderna, bastante arrojada, onde ficasse evidenciada a interferência. Uma construção no estilo do Museu Guggenheim, de Nova Iorque, onde fossem realizadas reuniões e encontros comunitários.

Com um trabalho minucioso, Luciane Musso Maia realizou a pesquisa sobre a construção e funcionamento do Convento de São Francisco, resgatando, inclusive, parte da história da cidade que vem se perdendo dia após dia, sem que haja qualquer preocupação. Através de plantas, mapas e principalmente fotos antigas, Luciane procurou identificar o que ainda resta da construção original com a intenção de valorizá-la. Neste processo, ela se baseou em algumas hipóteses, que se confirmaram ou não. Porém, como ela afirma, "não contei com um trabalho mais especializado como prospecções ou escoriações nas paredes existentes e até mesmo uma pesquisa arqueológica, que, com certeza, forneceria importantes dados para um conhecimento mais aprofundado do edifício".

Lembranças, marcos e registros que se perdem no tempo. Quase 500 anos de história se diluindo. Ao passado não se vai em viagem turística. Muito menos de carona. Ao passado se vai perguntar, reconstruindo hábitos e costumes que deram suporte à existência das civilizações.

Transformando-se em socie-